

# A CONFIGURAÇÃO DIATÓPICO-DIACRÔNICA DO SISTEMA DE TRATAMENTO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

## *THE DIATOPIC-DIACHRONIC CONFIGURATION OF ADDRESS SYSTEMS IN BRAZILIAN PORTUGUESE*

Célia Regina dos Santos Lopes<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Márcia Cristina de Brito Rumeu

Universidade Federal de Minas Gerais

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro<sup>2</sup>

Universidade Estadual da Feira de Santana

### RESUMO

Este artigo objetiva apresentar resultados quantitativos sobre o comportamento dos pronomes de 2ª pessoa na posição de sujeito e na de complemento verbal. A análise baseia-se numa amostra constituída por cartas escritas no Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais em fins do século XIX e início do século XX. Considerando três subsistemas de tratamento na posição de sujeito: (i) *tu*; (ii) *você* e (iii) *você* ~ *tu*, buscamos correlacionar os padrões de variação entre *tu* e *você* com as formas variantes utilizadas como complemento: acusativo (*te* ~ *você*~*lhe*~*o/a*), dativo (*te*~*lhe*~*para/a* *você*) e oblíquo (*para* *ti* ~ *você*) (cf. LOPES e CAVALCANTE, 2011). Nosso intuito é mostrar que esses subsistemas que aparecem no português brasileiro (PB) atual remontam ao século XIX. Os resultados evidenciaram que (i) a variação das formas de complemento verbal reflete a mudança na posição de sujeito causada pela implementação de *você* no paradigma pronominal do PB; (ii) na posição de acusativo, o clítico *te* foi a

<sup>1</sup> São responsáveis pelo levantamento dos dados nas cartas do Rio de Janeiro os bolsistas do CNPq e mestrandos da UFRJ Thiago Laurentino de Oliveira e Camila Duarte. Os bolsistas de Iniciação Científica da UFRJ Marina Henriques, Karine Cristi e Diogo Marinho também auxiliaram nessa tarefa.

<sup>2</sup> O levantamento de dados da Bahia contou com a colaboração de Aroldo Leal de Andrade (UNICAMP/FAPESP) e Mariana Fagundes de Oliveira (UEFS).

forma mais produtiva nas três áreas estudadas (RJ, BA e MG), embora o clítico *lhe* também tenha sido frequente na Bahia; (iii) em posição dativa e oblíqua, observamos algumas diferenças: nas cartas escritas na Bahia e Minas Gerais, houve uma correlação entre os complementos dativos e oblíquos e as formas usadas na posição de sujeito; no Rio de Janeiro, a frequência do dativo *te* foi maior do que as outras formas, mesmo quando *você* não era empregado na posição de sujeito.

**Palavras-Chave:** pronomes pessoais, segunda pessoa, acusativo, dativo, oblíquo.

#### ABSTRACT

This paper aims to present quantitative data on the behavior of 2nd person pronouns in subject and complement position. The analysis is based on a sample of private letters written in Rio de Janeiro, Bahia and Minas Gerais between the end of the 19th century and the beginning of the 20<sup>th</sup> century. Considering three sub-systems of addressing forms in subject position: (i) only *tu*; (ii) only *você*, and (iii) *você* ~ *tu*, we intend to correlate the patterns of variation between *tu* and *você* (you.sg.nom) with the variant forms in complement position: accusative (*te* ~ *você*~*lhe*~*o/a*), dative (*te*~*lhe*~*para/a* *você*) and oblique (*para* *ti*~*você*) (LOPES E CAVALCANTE, 2011). We want to show that these sub-systems that appear in contemporary Brazilian Portuguese (BP) can be traced back to the 19<sup>th</sup> century. The results show (i) the variation in complement position in BP is a reflex of the change in subject position caused by the implementation of *você* (you.SG) in the pronominal paradigm; (ii) in accusative position, the clitic *te* (you.SG.ACC) was the most frequent form in the three areas studied (RJ, BA and MG), although the clitic *lhe* be frequent in Bahia; (iii) in dative and oblique position, we observed some differences: in the letters written in Bahia and Minas Gerais, there was a correlation between the dative and oblique complement and the form used in subject position; in Rio de Janeiro, the frequency of dative *te* (you.SG. DAT) was higher than the other variant forms even when there was *você* (you.NOM) in subject position.

**Keywords:** personal pronouns, second person, accusative, dative, oblique.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal resgatar, na escrita epistolar produzida em diferentes localidades (Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia) nos séculos XIX e XX, vestígios das atuais diferenças entre os subsistemas de tratamento pronominal do português brasileiro (doravante PB): (i) *tu*, (ii) *você* e (iii) *você* ~ *tu*. Tal distinção ternária foi proposta por Lopes e Cavalcante (2011), com base na descrição feita por Scherre et al

(2009). O *subsistema (i)* prevê o predomínio do pronome *tu* na posição de sujeito, como ocorre em algumas áreas do sul do Brasil (Rio Grande do Sul). O *subsistema (ii)* ocorreria nas localidades com uso preponderante de *você* (Minas Gerais, São Paulo e Salvador na Bahia). O *subsistema (iii)* pressupõe a coexistência de *você* e *tu* como se verifica, por exemplo, no Rio de Janeiro. Além de identificarmos o perfil dos remetentes das cartas em função dos subsistemas propostos, pretendemos ainda correlacionar as formas variantes de 2ª pessoa (doravante 2P) na posição de sujeito (*tu, você*) às de complemento verbal (acusativo, dativo e oblíquo) no intuito de verificar se há uma configuração simétrica, ou não, em cada subsistema de tratamento.

Projetamos, neste trabalho, a hipótese de que, já nos séculos XIX e XX, se deixavam delinear os ambientes morfossintáticos favorecedores do *você* no PB atual. Para tal, assumimos que a inserção do *você*, no quadro de pronomes do PB, se deu, principalmente, como *sujeito preenchido* e *complemento preposicionado oblíquo*. Contudo, entendemos que, como um legítimo processo de mudança linguística, as formas do antigo paradigma de *tu* não se perderam, com a entrada do *você* no sistema, mas se mantiveram vivas no *te* complemento acusativo (“*eu te amo*”) e dativo (“*Você<sub>i</sub> arranjou aquilo que eu te<sub>i</sub> pedi?*”) em convivência com as formas alternantes, menos produtivas, relacionadas ao paradigma de *você* (*‘lbe’* e *‘a você’*). Isso ocorreu e continua ocorrendo tanto nos subsistemas tratamentais em que o *tu* prevalece, quanto naqueles em que o *você* predomina como pronome-sujeito.

Neste trabalho, conduzimos a análise à luz da perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista de orientação Laboviana (LABOV, 1994). A quantificação dos dados se deu através do pacote de programas Goldvarb para o cálculo das frequências das formas variantes nas amostras das missivas brasileiras, seguindo as orientações metodológicas de uma pesquisa sociolinguística.

A estruturação deste texto é a seguinte: inicialmente, retomamos brevemente as consequências da reorganização do quadro pronominal do PB geradas pela inserção do *você* no sistema. Em seguida, apresentamos os *corpora* que embasa este trabalho. Na sequência, expomos os resultados em relação ao preenchimento do sujeito na produção escrita das três localidades e descrevemos o quadro de variação entre as formas *tu* e *você* como sujeito,

relacionando-as às respectivas estruturas de complementação acusativa, dativa e oblíqua na produção escrita de baianos, cariocas e mineiros. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências.

## 1. Os contextos estruturais de inserção do *você* e de retenção do *tu* no quadro pronominal do português brasileiro

Da forma nominal de tratamento (*vossa mercê*), o *você* resguardou, por um lado, a indiretividade que lhe era peculiar e a concordância formal com a 3ª pessoa do singular (3P), ainda que a sua interpretação semântica seja a de 2ª pessoa do singular (2P). Por outro lado, adquiriu traços pronominais tais como a sua prevalência na função sintática de pronome-sujeito e a sua combinação com pronomes pessoais átonos e possessivos de 2P: '*Você disse que eu te<sub>i</sub> acharia na faculdade para pegar o teu<sub>i</sub> livro*' – falante carioca; '*Uma coisa eu vou te<sub>i</sub> falar com ocê<sup>3</sup>*' – falante de Venda Nova – MG. A possibilidade dessa combinação de formas do paradigma de *tu* (*te, teu*) com formas do paradigma de *você* (*você, com ocê*) mostra que a simetria ou uniformidade do tratamento não configura os atuais sistemas de tratamento de 2P no português brasileiro. Considerando que a inserção de *você* no sistema pronominal do PB se encaminhou preferencialmente pelas funções sintáticas de *sujeito* e de *complemento preposicionado*, cf. Rumeu (2008), Lopes e Cavalcante (2011), voltamos o escopo deste estudo para a correlação entre a inserção de *você* na posição de sujeito e os seus reflexos no sistema pronominal do PB, observando as novas possibilidades combinatórias que foram se firmando ao longo do tempo (*você/ tu* com *te~lhe~para você*) nas produções escritas de baianos, cariocas e mineiros (XIX-XX).

Considerando a diversidade de formas de pronomes-complemento que se harmonizam com as formas *tu* e *você*, convém tecer um breve panorama dessa realidade variável do PB atual, com base em resultados de algumas pesquisas linguísticas diacrônicas e sincrônicas. Numa perspectiva histórica, com base na análise de peças de teatro produzidas entre 1833 e 1988, Brito (1999) analisou o sistema pronominal de 2ª pessoa na função de objeto. As estratégias de pronome-complemento de 2P produtivas

<sup>3</sup> DUARTE, F. B.; DINIZ, C. R. Eu te falei para você: redobro de pronomes? In: RAMOS, J. M.; COELHO, S. (Org.). *Português Brasileiro Dialectal: temas gramaticais*. 1ª ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2013 p.91-102.

em peças teatrais de Martins Pena, Graça Aranha, Oswald de Andrade e Gianfrancesco Guarnieri foram as seguintes: *te, ti, lhe o/a, você, convosco, zero, senhor*. Ainda no século XIX (1º período), foi observada a concorrência entre as formas *te* e *lhe*, com 44% e 37%, respectivamente. Ao chegar ao ano de 1988, foi instaurada uma polarização entre as formas clítica *te* e lexical *você*, com 58% e 24%, respectivamente, no material analisado pela autora.

Em relação aos dados de fala da contemporaneidade, trazemos à tona alguns resultados de pesquisas com as localidades de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás e Paraná. Para a fala do município mineiro de São João da Ponte, no interior de Montes Claros (MG), Mota (2008) interpretou o *tu* como um resquício do falar rural. Enquanto na posição de sujeito o *você* prevaleceu em 79% dos dados, na posição de complemento, o *te* resiste, com peso relativo .91, sobrepondo-se, nesse contexto sintático, ao *você*. Observou ainda o predomínio do *tu*, sobretudo, nas relações sociais mais íntimas, entendendo que esse fato linguístico mostrou-se *estável* nessa comunidade linguística do interior de Minas.

No que se refere à fala carioca, Gomes (2003, p. 87) identificou um amplo quadro de formas pronominais de 2ª pessoa: *você* e *tu*, para o nominativo; *te, lhe, você* para o acusativo e *te, lhe, a ~ para você* para o dativo. A autora mostrou que, enquanto na 2P há a forte presença de clíticos, na terceira pessoa, só ocorrem as formas tônicas dos pronomes, uma vez que os clíticos de 3P (*o/a/os/as*) praticamente desapareceram.

Com relação à fala rural de Goiás, Nascimento (2009) observou que a forma *para*, dentre as formas variantes *a ~ o ~ clíticos* de expressão do dativo com verbos bitransitivos, prevaleceu em 74% dos dados, seguido por clíticos de 1P e 2P, em 15% dos dados, pelo zero ( $\emptyset$ ), em 09% dos dados, e pela preposição *a*, em 02% dos dados. A tendência observada foi a de uma maior produtividade do *para* na expressão do dativo, ainda que a forma zero ( $\emptyset$ ) tenha se mantido estável em comunidades linguísticas cuja influência da escolarização era extremamente baixa. Já no que se refere à fala rural do Paraná, Brito (1999, p.61) notou a produtividade do pronomes-complemento *te* que alcançou 63,5% em relação aos dados de *você* e *te ... você*, em 30% e 6,5% dos dados, respectivamente, numa sequência como “*o que que te salvô você?*”. Diante das possibilidades combinatórias de pronomes-complemento de 2P com formas de 3P, pretendemos responder as seguintes

questões: (i) Como se configuravam os sistemas de referência à 2ª pessoa do singular na função de sujeito e de complemento em distintas localidades brasileiras nos séculos XIX-XX? (ii) O clítico *te* era produtivo, tanto no sistema tratamental no qual predominava *tu*, quanto no que prevalecia *você* como sujeito? (iii) As diferenças regionais quanto à variação entre *te~lbe* já se faziam notar na produção escrita do início do século passado? (iv) Quais as formas variantes de complemento verbal (acusativo, dativo e oblíquo) nas localidades controladas?

## 2. As amostras de escrita epistolar: cartas baianas, cariocas e mineiras.

Este estudo está embasado em *corpora* constituídos por cartas pessoais baianas (1880-1950), cariocas (1870-1940) e mineiras (1900-1960). Ainda que os dados não estejam equilibrados em relação ao recorte temporal, visto que as produções baianas e cariocas percorrem desde fins do XIX até a 1ª metade do XX e para a escrita mineira não se tenha conseguido recuar até fins do século XIX, os resultados interpretados neste estudo seriam evidências linguísticas que tendem a ser reforçadas com a ampliação das amostras. Façamos um esforço...

Para as cartas baianas, trazemos as cartas disponibilizadas por Carneiro (2011). A autora editou, em versão fac-similada, cartas pessoais produzidas por baianos no período de 1876-1959. Tais cartas estão digitalizadas na versão XML a partir da ferramenta Edictor e encontram-se *on line* como parte do *corpus compartilhado PHPB – BA* no sistema de Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (<http://www2.uefs.br/cedohs/>).

Para as cartas cariocas, há cerca de cento e sessenta cartas íntimas, disponibilizadas em sua versão XML como parte do *corpus compartilhado PHPB – RJ* (<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/>). Trata-se de cartas pertencentes aos Acervos Cupertino do Amaral (1870-1890), Land Avelar (1907-1917), Afonso Penna (1896-1926), Oswaldo Cruz (1889-1915) e entre o casal de noivos Jaime e Maria (1936-1937).

Para as cartas mineiras, temos cerca de setenta e quatro cartas íntimas. Trata-se de missivas íntimas trocadas entre a poetisa Henriqueta Lisboa e os seus familiares e amigos (1917-1960), bem como entre o poeta Abgar Renault e a sua noiva (1923-1926). As missivas mineiras que subsidiaram

este estudo fazem parte do Projeto “A variação *Tu* e *Você* no português brasileiro: edição fac-similar diplomático-interpretativa de cartas mineiras” e encontram-se no Acervo dos Escritores Mineiros (FALE/UFMG).

Visto que foram apresentadas as amostras, passemos à análise dos resultados.

### 3. O preenchimento do sujeito com *tu* e *você*: distribuição geral dos resultados (séc. XIX-XX).

Estudos<sup>4</sup> sobre a história da variação *tu* e *você* já demonstraram, em amostras de natureza distinta, que a posição de *sujeito* foi um contexto sintático através do qual o *você* se inseriu no sistema pronominal do português brasileiro. É preciso acrescentar o fato de o segundo quartel do século XX (entre os anos 20 e 30) ter sido o período em que o *você* começou a se especializar como pronome-sujeito, coincidindo, cf. Duarte (1993), com o momento de uma mudança na marcação do parâmetro de sujeito. O PB que era positivamente marcado em relação ao parâmetro de sujeito nulo [+ sujeito nulo], figurando como uma língua pro-drop até 1937, cf. Duarte (1993, p.123), e passou posteriormente a ser negativamente marcado [- sujeito nulo] como uma língua não pro-drop. As análises históricas apontam para o predomínio do *tu* nulo até os anos 40 do século XX, nas cartas cariocas, com cerca de 70% de produtividade, concorrendo com o *você* preferencialmente pleno. Tendo em vista essas considerações gerais, mostraremos neste estudo, primeiramente, os resultados da posição sintática de sujeito e o seu preenchimento em cartas brasileiras de fins do século XIX e 1ª metade do século XX.

Passemos à distribuição das formas *tu* e *você* nas produções textuais de baianos, cariocas e mineiros:

---

<sup>4</sup> Rumeu (2004) e (2008) analisou cartas setecentistas, oitocentistas e novecentistas, Machado (2006), peças teatrais do século XX e Lopes *et al.* (2011), cartas destinadas a Rui Barbosa.

LOCALIDADES BRASILEIRAS	FORMAS DE 2P	SUJEITO NULO	SUJEITO PLENO	TOTAL
BA	Você (77%)	45/106 (42%)	61/106 (58%)	138/958 (15%)
	Tu (01%)	01/01 (100%)	-	
	O/A Senhor (a) (22%)	12/31 (39%)	19/31 (61%)	
MG	Você (60%)	20/88 (23%)	68/88 (77%)	148/958 (15%)
	Tu (40%)	52/60 (87%)	08/60 (13%)	
RJ	Você (27%)	34/180 (19%)	146/180 (81%)	672/958 (70%)
	Tu (73%)	364/492 (74%)	128/492 (26%)	

Tabela 1: Distribuição das variantes de sujeito de 2P (nulo e pleno) em cartas brasileiras.

De um modo geral, observamos que Bahia e Minas apresentaram uma maior produtividade de *você*, com 77% e 60%, respectivamente, em contraposição ao Rio de Janeiro, onde o *tu* prevaleceu, com 73% de frequência. Na escrita baiana, constatamos que o pronome *você* dividiu o espaço com *o senhor*, em 22% dos dados.

No que se refere ao preenchimento do sujeito, verificamos, na produção escrita das três localidades brasileiras em análise, não só a preferência pela realização plena do *você*, bem como a opção pelo *tu* nulo, como verificamos de (01) a (05). Em relação ao *você*, essa configuração se compatibiliza com a sua origem nominal (*vossa mercê*), assim como ocorre com *o/a senhor(a)*. Tais formas semanticamente remetem ao interlocutor (sujeito de 2P), ainda que formalmente se harmonizem com formas verbais de 3P. Como únicos indicadores de pessoa, assumem uma maior produtividade como sujeito pleno. O *tu*, por outro lado, foi preferencialmente acionado com a sua desinência número-pessoal específica de P2, figurando como um pronome-sujeito preferencialmente não expresso, como notamos de (03 a 05). Interessante observar ainda, nesse material escrito do século passado, a presença das duas formas variantes na mesma carta como pode ser visto em (2) e (5):

- (01) “já deve estar **você** com o seu belo livro às mãos.” (MG, PP. s.l., 01/04/1925)

- (02) “Podia também escrever a seo Pae, e D. João P. porem entendo não ser necessário só basta que **você** si enteressou. Como **o** sabes...” (RJ, NP, carta 11, 08/11/1906)
- (03) “A corôa que **o** mandaste não poude ser a tempo depositada no ataúde, por que o telegramma chegou depois do enterro.” (BA, LVF, carta 286, 1900)
- (04) “faço votos a Deus para que te protega concedendo **o** graças e felicidades que **o** és merecedora, saude e paz. Sinto passar este dia longe de voce, mas **o** terás ahi teu Pae...” (MG, MRVL, BH, 15/07/1937)
- (05) “**voce** manda dizer em que trem vem para eu ir, **voce** vem no trem das 8 horas para **o** ires no das 7 horas para **o** não ficares muito cansadinho. Eu na semana passada escrevite 6 cartas eu juro portudo que **voce** quizer” (RJ, MJ, carta 05, 29/09/1936)

Passemos aos comentários sobre o preenchimento do sujeito em cada uma das três localidades em análise.

Nas cartas baianas, o inovador *você* concorreu com a forma *o/a senhor(a)*, prevalecendo em 77% dos dados. Em relação ao seu preenchimento, observamos que, com uma frequência de 58%, o *você* se mostrou preenchido. Nas missivas cariocas, houve uma maior concorrência entre *você* e *tu*, com 27% e 73% dos dados, respectivamente. Em relação ao seu preenchimento, verificamos que o *tu* predominou como sujeito nulo, com 74% e o *você*, em contrapartida, apresentou-se expresso, com uma produtividade de 81%. Para as cartas mineiras, notamos a preferência pelo *você* em 60 % dos dados. Com relação a sua expressão (nula ou plena), identificamos que, em 77% dos dados, o *você* se apresentou pleno, ao passo que o *tu* assumiu, com 87% de frequência, a expressão nula.

Com o intuito de observarmos o gradualismo do processo de inserção do *você* no sistema de pronomes do PB, especializando-se na função de pronome-sujeito, passemos à análise contrastiva da sua distribuição pelas cartas baianas (1880-1950), cariocas (1870-1940) e mineiras (1900-1960).

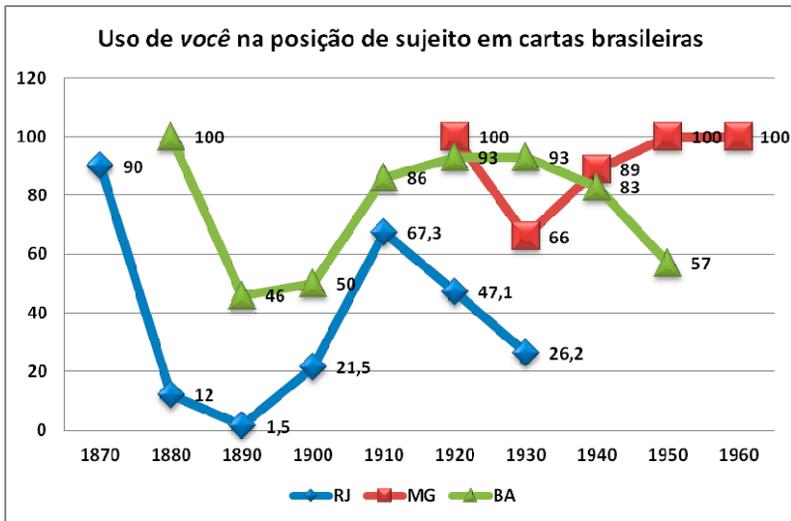


Gráfico 01: Distribuição do inovador *você* em cartas brasileiras: 1870-1960.

Resguardadas as ressalvas em relação ao desequilíbrio entre as amostras e os distintos períodos que vão desde fins do século XIX até 1ª metade do século XX, para as cartas baianas e cariocas, e tão somente a 1ª metade do século XX para as cartas mineiras, é possível, com base na análise do gráfico 1, observar alguns fatos interessantes.

Nas cartas cariocas, na verdade, identificamos dois momentos distintos representados no gráfico. No primeiro (1870), a forma *você* apresentava-se como uma estratégia de polidez associada ainda ao tratamento mais formal *Vossa Mercê*. Todos os dados encontrados nas cartas de 1870 foram escritos pelo mesmo remetente como uma fórmula fixa que se repetia na seção de despedida: “Desejo que *você* esteja boa”. Em uma segunda fase, entre 1880 e 1900, as duas estratégias (*tu* e *você*) apareceram como formas variantes no mesmo contexto de uso como pode ser visto no exemplo (02). A forma *tu* ainda era mais frequente, sendo empregada preferencialmente como sujeito nulo. Tal comportamento mudou a partir de 1910-20: as taxas de *tu*

decreceram e as de *você* aumentaram. Os cariocas seguiram com o perfil de alternância entre as formas *tu* e *você* com fluxo e contrafluxos ocasionados pelo tipo de carta analisada. Nas cartas de amor de fins dos anos 1930, por exemplo, o uso do *tu* íntimo suplantou o emprego de *você*.

Nas cartas baianas, observamos, a partir de 1900, uma curva de ascendência em relação ao *você*, alcançando 93%, em 1930, e mantendo-se no nível dos 57%, em 1950. A variação, nesse caso, foi estabelecida praticamente entre *você* e *o/a senhor(a)*.

No que se refere à amostra mineira, verificamos que o *você* prevaleceu quase categoricamente, variando entre 89% e 100%, entre os anos de 1940 e 1960. Cotejando as três amostras de produções textuais de baianos, cariocas e mineiros, no período de 1920 até 1950, já é possível antever, no século XX, alguns vestígios dos atuais subsistemas de tratamento do PB. São eles:

(a) A alta produtividade de *você* tanto nas cartas mineiras, quanto nas cartas baianas já sugere indícios do atual *subsistema ii* produtivo atualmente nessas duas localidades brasileiras;

(b) Nas cartas cariocas novecentistas, por outro lado, prevalece o *subsistema iii*, marcado pelo uso variável das formas *você~tu*, no PB atual.

Passemos à análise da correlação entre as estruturas de complementação e o tratamento na posição de sujeito em relação às cidades de Bahia, Minas e Rio de Janeiro.

#### 4. Resultados dos complementos verbais: acusativos, dativos e oblíquos

Complementarmente à análise das formas de referência à segunda pessoa (2P) na posição de sujeito (*nominativo*), foram levantadas as estratégias empregadas como complemento verbal nas funções acusativas (*objeto direto*), dativa (*objeto indireto*) e oblíqua (*complemento preposicionado não cliticizável*). O objetivo era observar se existia uma simetria ou homogeneidade entre as formas de sujeito e as de complemento verbal no que se refere aos paradigmas de *tu* e de *você*. O tratamento mais distante *o/a senhor(a)* também será considerado.

#### 4.1. As formas variantes de acusativo de 2P em cartas brasileiras: RJ, MG e BA.

As formas *acusativas* de 2P desempenham a função de objeto direto. Na perspectiva tradicional de “uniformidade de tratamento”, o pronome original de 2P no caso acusativo seria apenas o clítico *te*. A partir da entrada de *você* no sistema pronominal há, no entanto, outras formas variantes no PB que assumem a função acusativa como mostram os exemplos a seguir: *te, você, lhe, o/a* e  $\emptyset$ :

- (06) “No momento mais triste de minha vida *te encontrei* o mesmo amigo dos bons tempos do Collegio São João.” (BA, LVF, carta 286, 8/03/1902)
- (07) “(...) a nave que você pilota há de erguer voo seguro *elevando você* às alturas onde quiser ficar.” (MG, JL J., 23/10/1924.)
- (08) “(...) estou tencionando *escrever lhe* (...)” (MG, MLB, 05/04/1944)
- (09) “Percizava *vello para* sentar as couzas melhor que Deus os traga em Santa páz, é pelo que fasêmos vótos.” (BA, AFB, carta 344, 4/12/1900)
- (10) “eu vou bem graças a Deus, de saude, de amor tu sabes como me sinto, cada vez mais cego, e cada vez querendo  $\emptyset$  *amar* mais.” (RJ, JM, carta 19, 16/03/1937)

A tabela 2 apresenta a distribuição das formas variantes do acusativo nas cartas das três localidades estudadas:

ACUSATIVO	Te	Você	Lhe	o/a	Ø	TOTAL
RJ	157	08	--	01	02	168/237
	93,5%	4,8%	--	0,6%	1,2%	(71%)
BA	04	01	17	10	02	34/237
	12%	6%	50%	29%	6%	(14%)
MG	15	02	03	15	--	35/237
	42%	05%	08%	42%	--	(15%)
TOTAL	176	11	20	26	04	237
	74%	4,6%	8,4%	11%	1,7%	

Tabela 2: Distribuição das variantes de acusativo de 2P em cartas brasileiras.

Em termos dos resultados globais, notamos que o clítico *te* foi a estratégia acusativa recorrente na amostra com 74% de frequência seguida pelo clítico de 3P (3ª pessoa) *o/a* com 11%. Quanto aos resultados parciais, percebemos que a distribuição das formas variantes não se deu da mesma maneira nas três localidades controladas. Nas cartas do Rio de Janeiro, a forma acusativa original de 2P *te* foi majoritária, ao passo que nas cartas escritas na Bahia a estratégia mais produtiva foi o *lhe* (antiga forma de 3ª pessoa dativa) com 50%, seguido pelo clítico também de 3P (*o, a*) com 29%. Nas cartas mineiras, observamos o mesmo percentual (42%) para o clítico primitivo de 2P *te* e para o de 3P (*o/a*), prevalecendo como as estratégias acusativas mais produtivas em referência ao interlocutor (2P semântica).

O que determinaria esse comportamento diferenciado nas cartas do Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais quanto ao uso de *te*, *lhe* e *o/a* com função acusativa? A correlação desses resultados com o tratamento empregado na posição de sujeito poderia elucidar tal distinção?

Na tabela a seguir, denominamos *Tu (exclusivo)* as cartas em que o remetente empregou apenas o pronome *tu* (nulo ou pleno) como sujeito para se dirigir ao destinatário, o que nos remeteria ao *subsistema (i)*. Do mesmo modo, a designação *Você (exclusivo)* remete ao emprego do tratamento *você* nessa posição (*subsistema ii*). O dito *Tu/você (misto)* indica que o escrevente empregava uma ou outra forma numa mesma carta na posição de sujeito (*subsistema iii*):

ACUSATIVO SUJEITO		FORMAS ACUSATIVAS DE 2P E O USO DO SUJEITO				
		Te	Você	Lhe	O/A	Zero
Tu (exclusivo)	RJ	72/73 99%	--	--	01/73 01%	--
	BA	03/03 100%	--	--	--	--
	MG	15/15 100%	--	--	--	--

Você (exclusivo)	RJ	03/04 75%	01/04 25%	--	--	--
	BA	01/27 04%	01/27 04%	15/27 56%	08/27 30%	02/27 07%
	MG	--	02/14 14%	02/14 14%	10/14 71%	--
Tu/você	RJ	82/91 90%	07/91 08%	--	--	02/91 02%
O Senhor (exclusivo)	BA	--	--	02/04 50%	02/04 50%	--
	MG	--	--	01/06 17%	05/06 83%	--

Tabela 3: Complementos acusativos e tratamento na posição de sujeito em cartas brasileiras.

O fator que influenciou a distinção diatópica, como observamos na tabela 3, foi principalmente a opção tratamental empregada na posição de sujeito. Quando o pronome sujeito era apenas *tu*, o emprego de *te* acusativo foi quase categórico nas cartas das três localidades estudadas (RJ, BA e MG). Se a opção do remetente era empregar o pronome sujeito *você*, percebemos coexistência de formas acusativas relacionadas aos dois paradigmas e comportamento distinto nas amostras. No Rio de Janeiro, por um lado, identificamos a variação entre *te* e *você* com predomínio da primeira estratégia do paradigma de *tu* (75%). Nas cartas da Bahia e de Minas Gerais, por outro lado, observamos o uso mais produtivo das formas do paradigma de *você*: na Bahia, houve predomínio de *lhe* (56%) seguido por *o/a* com 30%, em Minas Gerais, identificamos 71% dos clíticos *o/a*, 14% de *você* e 14% de *lhe*.

Quando havia *você~tu* na posição de sujeito, o emprego variável de formas acusativas se manifestou mais incisivamente: *te* (90%), *você* (08%) e *zero* (02%). Tal comportamento inovador foi detectado apenas nas cartas do Rio de Janeiro. Em contrapartida, as cartas da Bahia e Minas Gerais novamente apresentaram comportamento semelhante entre si: uso do tratamento formal *O senhor/A senhora* associado apenas a formas de 3P: 50% para *lhe* e 50% para *o/a* nas cartas da Bahia e 83% de *o/a* nas cartas mineiras.

Em síntese, notamos que o clítico *te* era a estratégia que mais transitava como marca acusativa de 2P independentemente do tratamento empregado na posição de sujeito, principalmente no Rio de Janeiro. Na amostra dos remetentes do RJ não houve simetria entre as formas de 2P utilizadas na posição de sujeito e as formas de complemento acusativo, pois o clítico *te* se mostrou produtivo mesmo em cartas com *você* na posição de sujeito. Tal comportamento está em vigor até hoje no falar carioca (*subsistema iii*). A ausência de cartas em que as formas *tu* e *você* variassem na posição de sujeito (cartas mistas) aliado ao fato de o inovador *você* estar harmonizado, preferencialmente, com formas de 3P (3ª pessoa) parece já se constituírem indícios do sistema tratamental vigente atualmente no amplo espaço geográfico de Minas Gerais e da Bahia. Nesses dois estados, ainda há algumas “ilhas” de *tu*, mas prevalece o sistema de *você* (*subsistema ii*).

#### 4.2. A forte variação nos complementos dativos em cartas brasileiras: RJ, MG e BA.

Estamos considerando como dativos os constituintes que funcionam como argumentos internos de verbos de dois lugares (S V OI) ou ditransitivos (S V OD OI) com papel semântico de alvo/fonte ou beneficiário com traço [+animado] (DUARTE 2003, p. 289, BERLINCK, 1996). Os objetos indiretos dativos são complementos verbais que podem ser substituídos por um clítico, principalmente o *lhe*: *enviei a carta para você* > *enviei-lhe a carta*. Nem todos os complementos preposicionais têm tal propriedade: *penso todo dia em você* > \**penso-lhe todo dia*.

Os trabalhos sobre a alternância dativa no português brasileiro mostraram o apagamento do dativo de terceira pessoa (*lhe*) e o emprego de sintagmas preposicionados introduzidos por *para*. A perda do clítico para a terceira pessoa não significou necessariamente o desaparecimento do *lhe*, uma vez que, em alguns dialetos, tal forma passou a ser utilizada em referência à 2P seja como dativo, seja como acusativo, como vimos na seção anterior. Tal mudança se deu com a entrada da forma *você* no paradigma da 2P. Como adveio de um tratamento formalmente de 3P, a inserção de *você* provocou várias alterações no quadro de pronomes, como pretendemos mostrar neste estudo. Aparentemente algumas das formas do paradigma de *você*, nas diversas posições sintáticas, acompanharam o novo pronome

sujeito em algumas áreas dialetais. No que se refere ao dativo de 2P no português brasileiro, há formas que se relacionam ao paradigma original de 2P (o clítico *te* e sintagmas preposicionados com *ti*) e outras que estão associadas ao paradigma de *você*: clítico *lhe* e SPrep associados a *voce* (*para voce, a voce, etc*). Ainda temos o dativo zero para a 2P como em (16). Os exemplos ilustram algumas dessas formas variantes nas amostras analisadas:

- (11) “O Tito vai bem, hoje vai **te escrever**, elle gostou muito do Rio”  
(RJ, AA, carta 01, 18/08/1907)
- (12) “**Peço-te** que telefone a Olga sabendo se recebeu minha carta (...)” (MG, MVL, 14/06/1940)
- (13) “São 11 horas preciso dormir, se não fosse isso seria capaz de ficar a noite toda **escrevendo para ti**, dizendo tudo quanto sinto por ti” (RJ, JM, carta16, 2/03/1937)
- (14) “**Peço-lhe** que agradeça a Alaide a remessa (...)” (MG, MLB, 05/04/1944)
- (15) “Muito **agradeço a você**, mamãe e (...)” (MG, MLB, 03/10/1948)
- (16) “eu com esta # são 6 cartas # que # **escrevi Ø** todas os dias a si mesmo doente” (RJ, MJ, Carta 03, 26/09/1936)
- (17) “Quero **mandar Ø** “Vida Eterna”... para que você a veja o mais rapidamente (...)” (MG, JCL, 21/06/1941)

A tabela 4 a seguir apresenta as formas dativas identificadas nas amostras de cartas do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia:

DATIVO	Vos	Te	Lhe	Ø	A você	Para você	Prep. + você	Prep. + ti	Prep. + o Sr.	A si	Total
RJ	--	230	29	49	08	15	--	12	--	--	343
	--	67%	8,5%	14,3%	2,3%	4,4%	--	3,5%	--	--	
BA	06	01	84	17	05	01	--	--	16	01	131
	4,58%	0,8%	64,1%	13%	3,8%	0,8%	--	--	12%		
MG	--	45	82	16	09	02	01	05	--	--	160
	--	28%	51%	10%	05%	01%	01%	02%	--	--	
Total	06 0,9	276 44%	195 31%	82 13%	22 3,5%	18 2,9%	01 0,1%	17 2,7%	16 2,5%	01 0,1%	634

Tabela 4: Distribuição das variantes de dativo de 2P em cartas brasileiras.

Os resultados indicados na tabela 4 mostraram, em termos de distribuição geral, uma variedade expressiva de formas para expressar

o dativo. Diferentemente do que se viu no acusativo em que *te* foi preponderante com mais de 70% de frequência, no dativo, este clítico, embora com a maior frequência identificada na tabela (44%), apresentou índice bastante próximo da segunda estratégia *lbe* com 31%. As outras formas foram menos recorrentes: o dativo nulo teve 13% de frequência e os sintagmas preposicionados não atingiram 05% de produtividade.

Observando as amostras parciais, notamos novamente diferenças entre as localidades como foi visto na distribuição das variantes acusativas. Enquanto no Rio de Janeiro, prevaleceu, mais uma vez, o clítico *te* com 67%, na Bahia e em Minas Gerais, a estratégia mais recorrente foi o clítico *lbe*, com 64,1% e 51%, respectivamente. Um aspecto interessante nesses resultados do dativo foi a presença de *vos* em referência à segunda pessoa do singular nas cartas baianas. Embora sejam apenas seis dados, tal emprego evidenciou um comportamento bastante arcaizante dos remetentes dessas cartas que poderia aludir a um sistema tratamental de fins do século XVI. Os dados de *vos* em referência à 2ª pessoa do singular dativa ocorreram, como pode ser visto de (18) a (23) principalmente em trechos que procuram captar a benevolência do interlocutor nas seções mais fixas das cartas:

- (18) “Desejando o Governo organizar um systema de defesa preventiva contra a invasão do peste bubonica, que acaba de verificar-se em Santos, rogo-vos o vosso comparecimento no Palacio da Victoria”. (BA, OMB, carta 170, 21/10/1899)
- (19) “Sinto não poder ir athe sua prezencia para ao vivo vos manifestar [...] desses canalhas”.
- (20) “Desejo-vos o melhor bem na vida extensivo” (BA, ARS, carta 20, 2/03/1939)
- (21) “Tendo por decreto de 14 do corrente sido nomeado escrivão da Colletoria daqui, agradeço-vos eternamente o interesse de vossa parte”. (BA, ADG, carta 26, 26/09/1933)
- (22) “pedindo-vos se interessar pela transferencia do mesmo do 3º B.C” (BA, BAC, carta 33, 28/05/1937)
- (23) “Saude juntamente a Excelentíssima Familia dezejo-vos por meio desta espor” (BA, carta 59, DFB, 20/08/1944)

Na tabela a seguir serão correlacionados os resultados das estratégias dativas ao sistema de tratamento empregado na posição de sujeito: *i - tu* (exclusivo), *ii - você* (exclusivo), *iii - você* e *tu* (misto), *o senhor*.

DATIVO SUJEITO		FORMAS DATIVAS DE 2P E O USO DO SUJEITO									
		Vos	Te	Lhe	Para você	A Você	Ø	Prep. + ti	Prep + você	A si	Prep + Sr.
Tu (exclusivo)	RJ	--	115/130 88%	01/130 01%	01/130 01%	01/130 01%	05/130 04%	07/130 05%	--	--	--
	BA	01/01 100%	--	--	--	--	--	--	--	--	--
	MG	--	42/50 84%	01/50 02%	--	--	02/50 04%	05/50 10%	--	--	--
Você (exclusivo)	RJ	--	15/56 27%	16/56 29%	02/56 04%	06/56 11%	17/56 30%	--	--	--	--
	BA	02/94 02%	01/94 01%	73/94 78%	01/94 01%	05/94 5,3%	11/94 12%	--	--	01/94 01%	--
	MG	--	01/91 01%	68/91 75%	02/91 02%	09/91 9,9%	10/91 10%	--	01/91 01%	--	--
Tu/você	RJ	--	100/146 69%	7/146 05%	12/146 08%	1/146 01%	21/146 14%	5/146 03%	--	--	--
	BA	01/02 50%	--	01/02 50%	--	--	--	--	--	--	--
	MG	--	02/02 100%	--	--	--	--	--	--	--	--
O Senhor (exclusivo)	RJ	--	--	05/11 46%	--	--	06/11 54%	--	--	--	--
	BA	02/34 06%	--	10/34 29%	--	--	06/34 18%	--	--	--	16/34 47%
	MG	--	--	13/17 76%	--	--	04/17 24%	--	--	--	--

Tabela 5: Complementos dativos e tratamento na posição de sujeito em cartas brasileiras.

A escolha de tratamento empregada na posição de sujeito parece também interferir no uso do complemento dativo. Nas cartas do Rio de Janeiro e de Minas Gerais quando se empregava a forma original, tratamento de segunda pessoa *tu* na posição de sujeito, o emprego de *te* era majoritário: 88%, no RJ, e 84%, em MG. Na amostra de cartas da Bahia houve pouquíssimas cartas com *tu* na posição de sujeito e, nesse caso, identificamos um dado de *vos* com referência à 2SG.

Diferentemente do que ocorreu com as cartas de *tu* em que o clítico *te* foi bastante produtivo, nas cartas de *você* o comportamento foi diferenciado. Nesse caso, observamos relevante variação das estratégias de dativo,

principalmente nas cartas do Rio de Janeiro em que *te*, *lhe* e *zero* apresentaram índices de frequência próximos de 30%: 27%, 29% e 30%, respectivamente. Nas cartas da Bahia e em Minas, tal equilíbrio não foi percebido. Na amostra das duas localidades, as variantes dativas acompanharam, na maior parte das vezes, o tratamento na posição de sujeito. O percentual de *lhe* foi bastante alto: 78%, na Bahia, e 75%, em Minas Gerais. Nessas duas localidades, as outras estratégias produtivas também estavam associadas ao paradigma de *você* e não ao de *tu*. O dativo zero apresentou 12%, na BA, e 10%, em MG, e sintagma preposicionado, constituído por *a você*, teve 05% e 10%, respectivamente, na frequência de uso. O conservadorismo do tratamento na amostra baiana poderia ser inclusive evidenciado pela presença de um dado de *a si* (uso regular no português europeu) em referência à segunda pessoa como em (24):

- (24) “Estou farto de lutar, para servir ingratos e mal agradecidos estou no fim da vida, e dezejo morrer sem mais cuidados alem da Familia pois somentes dou um vocto **a si**” (BA, AF, carta 347, 19/06/1903)

Nas cartas denominadas mistas (*você/tu*) que foram abundantemente identificadas no Rio de Janeiro, o clítico *te* (69%) predominou ao lado do dativo zero (14%). Nas outras duas localidades os dados foram bastante raros. Nas cartas com o tratamento formal *o senhor/a senhora*, houve grande simetria na correlação sujeito-dativo com uso categórico de formas originariamente de 3P. No RJ e em MG, a variação dativa deu-se entre *zero* e *lhe* com uma diferença entre as formas predominantes. Enquanto no Rio de Janeiro houve leve favorecimento do dativo *zero* com 54%, em Minas Gerais, o clítico *lhe* foi mais produtivo com 74%. Na Bahia, o SPrep encabeçado pela preposição *com* (*o senhor*) foi preponderante em relação ao *lhe*: 47% contra 29%.

Em síntese, os resultados da representação dativa nas amostras analisadas apontaram para um comportamento bastante diferenciado entre as localidades estudadas. As formas variantes de dativo já anunciam, na documentação remanescente dos séculos XIX e XX, algumas características que se firmarão no português brasileiro:

- (c) A representação do dativo de 2P deu-se preponderantemente

pelo clítico *te* no RJ e pelo *lhe* na Bahia e, em menor escala, em MG (as duas últimas localidades sempre tiveram a forma *você* como majoritária na posição de sujeito);

(d) As formas de complemento dativo nas amostras de MG e BA acompanharam o tratamento empregado na posição de sujeito. Tal comportamento foi destoante no RJ (uso generalizado do clítico *te* e tratamento misto na posição de sujeito);

(e) Aparentemente o aumento do *você* na posição de sujeito (*subsistema ii*) favoreceu o emprego maior do zero na função dativa. Em cartas mistas (*você ~ tu*) do RJ (*subsistema iii*), o dativo zero também foi preponderante como a segunda estratégia mais produtiva: a variação das formas dativas deu-se principalmente nas cartas com uso de *você* (seja exclusivo, seja ao lado de *tu*);

(f) As cartas da Bahia, analisadas até agora, apresentaram um comportamento bastante conservador: uso de *vosmicê*, ao lado de *você* e emprego de *vos* e de *a si* como 2SG.

#### 4.3. Complementos preposicionados oblíquos em cartas brasileiras: RJ, MG e BA

Além das formas pronominais dativas, foram levantadas as formas oblíquas que são sempre tônicas, regidas por preposição e não admitem substituição por clíticos. Os complementos oblíquos não estabelecem, como afirma Duarte (2003, p. 294), relações gramaticais centrais. São argumentos obrigatórios que fazem parte da estrutura argumental dos verbos, além dos opcionais (adjuntos). Não houve um número expressivo de estratégias oblíquas nas amostras. Os exemplos a seguir ilustram algumas das estratégias localizadas:

- (25) “tu mereces muito mais minha flor, **sem ti morrerei**” (RJ, JM, carta 05, 26/09/1936.)
- (26) “Ella me disse se eu não n’as mostrar ella vai me **intrigar comtigo**.” (RJ, OC, carta 14, 21/04/1891.)
- (27) “Djalma ... **falou** muito **em você** (...)” (MG, MVL, 08/02/1951.)
- (28) “tendo **perguntado** por você com muito interesse.” (MG, MLB, 05/04/1944.)

- (29) “Quebro **para** você o meu habito carranca de não felicitar qualquer...” (MG, JIJ, 23/10/1924.)
- (30) “Sobre isso tenho muito que conversar **com Vosmice**” (BA, MMA, carta 126, 27/09/1883.)
- (31) “A’ dias fiz uma carta ao Dr. Tota pe- dindo-lhe que tivesse **com Você** um intendmento relativamente a sertos acontecimentos” (BA, BNC, carta 34, 28/09,1933.)
- (32) “expondo-lhes o meu desejo e decizão firme de collaborar **consigo** e com elle em política” (BA, BNC, carta 35, 25/11/1933.)

A tabela a seguir apresenta os resultados globais das estratégias oblíquas nas três amostras de cartas:

OBLÍQUOS	Prep.+ ti	Contigo	Prep.+ você	Para você	A Você	Consigo	TOTAL
RJ	54/105	16/105	31/105	03/105	01/105	--	105
	51%	15%	29%	3%	01%	--	
BA	--	--	--	05/07	--	02/07	07
	--	--	--	71,4%	--	28,6%	
MG	09/18	--	06/18	02/18	01/18	--	18
	50%	--	33%	11%	06%	--	
TOTAL	63/130 48%	16/130 12%	37/130 28%	10/130 08%	02/130 1,5%	02/130 1,5%	130

Tabela 6: Distribuição das variantes de complemento oblíquo de 2P em cartas brasileiras.

Em termos dos resultados globais, verificamos que preposições diferentes de *para* e *a* foram as que prevalecem no complemento preposicionado oblíquo. Os sintagmas preposicionados, seguidos por *ti* ou por *você*, foram mais produtivos com 48% e 28% respectivamente. A escolha por um ou outra forma variante no SPrep teve relação com a localidade como já tínhamos observado nos resultados anteriores: cartas do Rio de Janeiro (51%) e Minas Gerais (50%) favoreceram a forma do paradigma mais antigo de 2P (*prep + ti*) e as cartas baianas apresentaram índices maiores de *prep. + você* com 71,4%. O sintagma preposicionado morfologizado *contigo* (15%) somente ocorreu cartas do RJ.

A tabela a seguir apresenta os resultados dos complementos oblíquos por localidade, levando em conta o tratamento empregado na posição de sujeito:

OBLÍQUOS SUJEITO		FORMAS OBLÍQUAS DE 2P E O USO DO SUJEITO					
		Prep.+ ti	Contigo	Prep.+ você	Para você	A Você	Consigo
Tu (exclusivo)	RJ	32/42 76%	08/42 19%	02/42 5%	--	--	--
	MG	09/09 100%	--	--	--	--	--
Você (exclusivo)	RJ	--	--	01/03 33%	02/03 67%	--	--
	BA	--	--	--	05/07 71,4%	--	<b>02/07 28,6%</b>
	MG	--	--	06/09 66%	02/09 22%	01/09 11%	--
Tu/você	RJ	<b>22/60 36%</b>	<b>08/60 13%</b>	<b>28/60 46%</b>	<b>01/60 1,6%</b>	<b>01/60 1,6%</b>	--

Tabela 7: Complementos oblíquos e tratamento na posição de sujeito em cartas brasileiras.

Mais uma vez confirmamos a correlação entre o tratamento na posição de sujeito e o uso das estratégias de complemento verbal. Nas cartas em que se emprega o *tu* como sujeito, predominaram sintagmas preposicionados oblíquos com a forma *ti*. Nas cartas em que se empregava o tratamento *você* como sujeito, empregavam-se exclusivamente SPrep seguidos por *você*. Nas cartas do Rio de Janeiro em que houve forte variação entre *você* e *tu* na posição de sujeito, os complementos oblíquos foram bastante diversificados com predomínio de *prep.+ você* (46%) seguido de *prep.+ ti* (36%).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A distribuição das formas *tu* e *você* como sujeitos de 2P pelas localidades da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro expôs a produtividade do inovador *você* nas cartas baianas e mineiras, configurando um vestígio do *subsistema ii* que, atualmente, é o vigente nos lugares em questão. Para o Rio de Janeiro, observamos a alternância entre as formas *tu* e *você*, refletindo a atual dinâmica variável na expressão do *subsistema iii*. Na amostra de cartas

brasileiras dos séculos XIX e XX, o *tu* mostrou-se preferencialmente nulo, ao passo que o *você* foi mais produtivo como *sujeito pleno*. Os dados revelaram que o contexto de sujeito preenchido representou um dos contextos de inserção do *você*, confirmando, pois, os resultados de Rumeu (2008), Lopes e Cavalcante (2011), Lopes e Marcotulio (2011) e outros mais.

Considerando que o *você* se implementou no sistema do PB, nas funções de *sujeito* e *complemento preposicionado*, correlacionamos esses dois contextos sintáticos, com o intuito de descrever que tipo de tratamento empregado na posição de sujeito motivaria a diversidade de estratégias de complementação (*te, lhe, zero, a você, para você, ø*) nas cartas baianas, cariocas e mineiras. Com base nessa correlação, façamos algumas generalizações:

- 1) O *te* mostrou-se como estratégia de complementação *acusativa* mais produtiva nas três localidades, independentemente do tratamento empregado na função de sujeito.
- 2) Nas cartas baianas e mineiras, há uma maior simetria entre as formas de complemento *dativo* (*te, lhe*) e o tratamento utilizado na posição de sujeito (*tu* e *você*). No Rio de Janeiro, por outro lado, prevaleceu o *te* como complemento dativo, não só nas cartas de sujeito *tu*, mas também nas cartas com variação entre *você* e *tu*.
- 3) Para as formas *oblíquas* de complementação, observamos uma estreita correlação entre o pronome-sujeito e a estratégia de complementação verbal acionada. Nas cartas exclusivas de *tu*, observamos que, no Rio de Janeiro e, categoricamente, em Minas Gerais, a preferência pela estratégia “para ti”. Nas cartas exclusivas de sujeito *você*, verificamos que as localidades da Bahia e Minas assumem comportamentos semelhantes: ambas preferem a forma “para você” como estratégia de complementação oblíqua. Para Minas, notamos uma concorrência entre as formas “SP+você” e “para você”, ainda que “SP+você” tenha sido a preferencialmente adotada na amostra até então analisada. Nas cartas mistas, observamos unicamente, na amostra carioca, uma maior concorrência entre as estratégias de complementação relacionadas à 3P e à 2P, respectivamente: a forma “prep. + você” prevaleceu, ainda que tenha concorrido com “prep. + ti”.
- 4) Em termos gerais, a diversidade de formas variantes para representar o acusativo e, principalmente, o dativo era maior nas cartas em que o

remetente empregava *você* na posição de sujeito independentemente da sua origem geográfica.

Estudos à luz da Teoria da Variação de orientação Laboviana vêm demonstrando que a entrada do *você* no sistema do PB conduziu a uma fusão de paradigmas que se tem feito notar mais vigorosa desde fins do século XIX. Ao constatararmos que o pronome-complemento *te* aliado ao pronome-sujeito *você* já existia, ainda que em menores índices, desde o século XVIII, cf. Rumeu (2004), os resultados deste estudo poderiam ratificar a afixação desse clítico no português brasileiro. Brito (2001) e Lopes; Souza; Oliveira (2013) defendem que a alta frequência de uso do clítico *te* na história do português e o seu emprego proclítico no PB podem ter levado a sua “prefixação” ao verbo como marca de 2P. Como a recorrência também gera ao esvaziamento semântico, a duplicação do complemento que marca de 2P também já se faz notar em dialetos em que o *subsistema ii (você)* é preponderante. Exemplos do tipo: “*Eu te falei procê que isso não dá certo*” na fala mineira ou na fala paranaense são cada vez mais frequentes no PB como mostrou Brito (2001). A descrição mais apurada dos complementos de 2P em dados sincrônicos de diferentes partes do Brasil poderá elucidar melhor a questão.

## REFERÊNCIAS:

- BERLINCK, Rosane. The Portuguese dative. In: BELLE, W; LANGENDONK, W. (org.) *The dative: descriptive studies*, vol.1 Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 1996.
- BRITO, Onilda Regina Marchioni. 1999. *O uso dos pronomes de 2ª pessoa em função de objeto no Português Brasileiro*. Ms., Londrina, UEL.
- CARNEIRO, Zenaide de O. N.; OLIVEIRA, Mariana F. de; ALMEIDA, Norma L. F. (Org.) *Cartas Brasileiras (1809-2000): coletânea de fontes para o estudo do português*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.
- DUARTE, Fábio Bonfim; DINIZ, Carolina. Ribeiro. Eu te falei para você: redobro de pronomes? In: RAMOS, J. M.; COELHO, S. (Org.) *Português Brasileiro Dialectal: temas gramaticais*. 1ª ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2013 p.91-102.

DUARTE, Inês. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da língua portuguesa*, 5ª ed, Lisboa, Caminho: 275-320, 2003.

DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. *A perda do princípio 'Evite pronome' no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1995.

GOMES, Christina Abreu. Variação e Mudança na Expressão do dativo no português brasileiro. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. (org.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro, FAPERJ/Contracapa: 81-96, 2003.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*, Oxford, Blackwell, 1994.

LOPES, Célia Regina dos Santos; SOUZA, Camila Duarte; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. *A frequência e o delineamento da gramática: a afixação do clítico te no português brasileiro*. (mimeo) 2013.

LOPES, Célia Regina dos Santos; CAVALCANTE, S. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Revista Linguística*, Madrid, v.25, p.30 – 65, 2011. Disponível em: [http://www.linguisticalfal.org/25\\_linguistica\\_030\\_065.pdf](http://www.linguisticalfal.org/25_linguistica_030_065.pdf)

LOPES, C. R. S.; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. O tratamento a Rui Barbosa. CALLOU, D. I.; BARBOSA, A. G. *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011, p.265-292.

MACHADO, Ana Carolina Morito. *A implementação de "Você" no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *Língua e História: o 2 marqués do Lavradio e as estratégias linguísticas da escrita no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Ítaca Comunicações, 2010. v. 1. 215p.

MOTA, Maria Alice. A VARIAÇÃO DOS PRONOMES ‘TU’ E ‘VOCÊ’ NO PORTUGUÊS ORAL DE SÃO JOÃO DA PONTE (MG). Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2008.

NASCIMENTO, André Marques do. Variação e mudança na expressão do dativo em comunidades rurais goianas e suas relações com as origens do português brasileiro. *Domínios da Linguagem*. Ano 3, n. 2, 2º semestre de 2009.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

\_\_\_\_\_. *A implementação do ‘Você’ no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: Um estudo de painel*. Tese (Doutorado Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; LUCCA, Nívia Naves Garcia; DIAS, Edilene Patrícia Andrade; QUEIROZ, Carolina e MARTINS, Germano Ferreira. Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro, Comunicação apresentada no *II SIMELP*, Universidade de Évora, 2009.